

outra travessia

Revista de Literatura nº 29

Ilha de Santa Catarina 1º semestre de 2020

Colapso

Editores

Artur de Vargas Giorgi

Bairon Vélez Escallón

Flávia Scóz

Rafael Miguel Alonso

Ricardo Gaiotto de Moraes

Programa de Pós-Graduação em Literatura

Universidade Federal de Santa Catarina

Ficha Técnica

Capa:

mordida, 2018, de Flávia Scóz. Arte gráfica: Flávia Scóz

Catálogo

ISSN: 0101-9570

eISSN: 2176-8552

Editores:

Artur de Vargas Giorgi/ Bairon Vélez Escallón/ Flávia Scóz/ Rafael Alonso/ Ricardo Gaiotto de Moraes

Editoração:

Flávia Scóz

Revisão:

Sabrina Alvernaz / Viviane da Silva Vieira

Conselho Consultivo:

Adriana Rodriguez Pérsico, Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina
Ana Luiza Andrade, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Ana Porrúa, Universidade de Rosário, Argentina
Antonio Carlos Santos, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Brasil
Artur de Vargas Giorgi, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Carlos Eduardo Schmidt Capela, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Célia Pedrosa, Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil
Ettore Finazzi Agrò, Università de Roma La Sapienza, Itália
Fabián Javier Ludueña Romandini, Universidad de Buenos Aires - Universidad UADE - Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Argentina
Flora Süsskind, Fundação Casa de Rui Barbosa, Brasil
Florencia Garramuno, Universidad de San Andrés, Argentina
Francisco Foot Hardman, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil
Gema Areta, Universidad de Sevilla
Ivia Alves, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil
Jair Tadeu da Fonseca, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Jorge Hoffmann Wolff, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Luciana Maria di Leone, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil
Luz Rodríguez Carranza, Universidade de Leiden, Países Baixos
Marcos Siscar, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil
Maria Aparecida Barbosa, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Maria Esther Maciel, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil
María Gabriela Milone, IDH, Conicet. Universidad Nacional de Córdoba, Argentina
Mario Cesar Camara, Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina
Raúl Antelo, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Rita Lenira de Freitas Bittencourt, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil
Roberto Vecchi, Università di Bologna, Itália
Sabrina Sedlmayer Pinto, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil
Susana Celia Scramim, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Wander Melo Miranda, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil
Wladimir Antônio da Costa Garcia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Colapso

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2020.e80500>

Quando a pandemia do COVID-19 se estabeleceu e a morte presentificou-se, um pouco ainda atordoados, mas quase prontamente, intelectuais e cientistas de várias áreas passaram a nutrir reflexões sobre o mundo pós-pandêmico. No Brasil, a passagem, antes da pandemia, do poder político outrora debilmente democrático para forças de caráter autoritário, impregnadas por discursos não só constituídos na lógica da necropolítica, mas à beira ou já mergulhados no gozo necrófilo, já indicava que as narrativas distópicas imaginadas pelas artes pareciam menos potentes em seu pessimismo que a realidade. Mesmo assim, multiplicaram-se, nas várias formas de comunicação remota, como podcasts, lives e e-books, análises da catástrofe acompanhadas por considerações mais otimistas ou menos pessimistas, mais pessimistas ou menos otimistas. Também nesse movimento, a revista outra travessia voltou à cena, num esforço editorial de publicar números que esperavam por sair.

Nas emergentes manifestações de intelectuais e artistas, as críticas de primeira hora tiveram como um dos alvos o capitalismo neoliberal, calcado na necropolítica, que perpetua no Brasil a hedionda desigualdade. O gozo do capitalismo, baseado no excesso do consumo, estaria levando a ecologia das relações entre seres humanos/natureza e seres humanos/humanos ao colapso, a única maneira de se reestabelecer algum equilíbrio seria, portanto, uma mudança nessas relações. Após um ano de pandemia, acompanhamos, uma outra vez, as previsões mais pessimistas se concretizarem nos números hediondos de mortes e vemos se alastrar o desespero transfigurado em negacionismos de toda a espécie. Diante da perda de tantas vidas, a nossa postura é de luto; mas é também de revolta, diante do colapso enquanto método de necropolítica, com crueldade necrófila.

Neste número da outra travessia, o conjunto de artigos (estes reunidos de acordo com as contingências que o processo editorial enfrenta) se organizou, afinal, em torno da busca de pontos de fuga, em outras palavras, no empenho de criar pontos de contato com/em discursos atravessados pela diferença.

Assim, em “O feminino indelével nas palavras poéticas de Warsan Shire, Upile Chisala e Safia Elhillo”, o ponto de toque da conjunção histórica com a escrita é pensado já a partir da tensão corpórea do ato físico de escrever, na análise das poéticas de Warsan Shire (Quênia), Upile Chisala (Maláui) e Safia Elhillo (Sudão). Nos poemas dessas autoras estariam inscritas e escritas as vivências pessoais irreparavelmente ligadas às conjunturas do passado histórico de seus países.

O ponto de fuga de “Este labirinto, o nosso amuleto: considerações sobre Julio Cortázar e Roberto Bolaño” é a capacidade labiríntica da ficção de Julio Cortázar que, ressignificada e potencializada por Roberto Bolaño, levaria a literatura tanto à fatalidade do abismo quanto à performatividade do ponto de vista de quem narra.

Por sua vez, o texto “Poética da penumbra, poética da escuridão” procura um ponto de contato entre poemas de Nicanor Parra e Jorge Luis Borges, numa trajetória contrária à da perspectiva iluminista do esclarecimento. E igualmente é na contramão do cientificismo esclarecido que o artigo “Como se a ficção de fato desviasse os rios” testa os limites entre ficção e fato, hipótese e dogma científico, lendo “Der Minhocão”, publicado em 1887, na revista alemã Zoologische Garten, pelo naturalista Fritz Müller.

Colocando em contato “Os doentes”, de Augusto dos Anjos, e a concepção, de Walter Benjamin, de alegoria como procedimento ruinoso da linguagem, “Doentes no Eu” investiga o eu fragmentado dentro do próprio poema. Já o artigo “Paratexto: fogo, fumaça e cinza” projeta o ponto de contato para fora ao fazer dialogar a Commedia de Dante com alguns de seus prefácios, movimento que flagra a dupla potência destes paratextos: projetar o texto literário para a história ou produzir a fumaça que o coloca no esquecimento.

Fechando o dossiê, apresentamos as traduções de dois textos de Bertha Pappenheim, mais conhecida por seu codinome Anna O., que embaralham as fronteiras de diferentes mundos representados pelo gesto em si de tradução do alemão para o português e pelo cruzamento dos temas.

O trabalho editorial numa revista acadêmica, no Brasil, sobretudo nos dias correntes, é inevitavelmente um gesto propositivo: de afirmação da vida e da potência do pensamento. Um esforço mais, não apenas de crítica, mas também de alguma forma de criação. Entre o luto e a revolta, em meio à ruína, algo persiste, resiste, perdura.

A equipe editorial
Desterro, outono de 2021